

UMA ANÁLISE ACERCA DAS DISCURSIVIDADES DO HIV/AIDS PRESENTES NA EXPOSIÇÃO HISTÓRIAS LGBTQIA+

CAMILA SOARES COUTO¹; RICARDO HENRIQUE AYRES ALVES²

¹Universidade Federal de Pelotas – camscouto02@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – ricardohaa@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Buscando investigar o desdobrar das narrativas acerca do HIV/aids na exposição *Histórias LGBTQIA+*, proponho realizar uma análise das mais de vinte obras presentes em oito núcleos que constituíam a mostra que ocorreu entre dezembro de 2024 a março de 2025 no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP). Esta investigação ocorre por intermédio do projeto *Histórias da arte e histórias da aids desde o Brasil: discursos sobre o corpo e a enfermidade na arte contemporânea*, coordenado pelo Prof. Ricardo Henrique Ayres Alves, no qual desenvolvo pesquisa de iniciação científica com bolsa PIBIC/CNPq.

As obras que constituem o objeto de análise da pesquisa são: *David Wojnarowicz Reclining (II)* (1981) e *Christopher Street Pier #5* (1979) de Peter Hujar; *Untitled (One Day This Kid)* (1990-91/2018) de David Wojnarowicz; série de cartazes denominada *Reads My Lips* (1988) do coletivo Gran Fury: *Reads My Lips (Men's ver)*, *Reads My Lips (Women's, ver 1)*, *Reads My Lips (Women's, ver 2)* e *Read My Lips (Women's, ver 3)* e o cartaz *Art is not Enough* (1988); *O cometa*, da série *os Dedicados* (1991) e *São Sebastião de cabeça para baixo* (1993) de Leonilson; *Untitled* (2023) de Kang Seung Lee; *Mother's Day* (1997) e *Eleven* (2015) de Kia LaBeija; *The Black Friar* (1989/2021) de Rotimi Fani-Kayode; *Untitled (Self-Portrait)* (1974-75) de Martin Wong; *The Fifth Day* (1990) de Nicholas Moufarrege; *Untitled (Double Portrait)* (1991) e *Untitled (Beginning)* (1994) de Felix Gonzalez-Torres; *Fire-Moon Inertia* (2021) de D'angelo Lovell Williams; *Companions* (1991-96) do coletivo Fierce Pussy; *Glória E Anzaldúa Oakland, CA* (1988) de Robert Giard; e *sem sinal* (2024) de Gabriel Pessoto.

Fundamentamos nossos referenciais em autores como Susan Sontag (2007), que se dedica a desmistificar os imaginários ao questionar as bases que originam e sustentam metáforas e preconceitos em relação às enfermidades; Ricardo Henrique Ayres Alves (2020), que discute quais temáticas ocupam posição central na história da arte brasileira, destacando a marginalização da questão da aids e das artes visuais no âmbito nacional; Douglas Crimp (2024), que estabelece um amplo diálogo entre as artes produzidas durante a crise da aids, com o intuito de evidenciar o modo como tais produções propagaram desinformações e discursividades homofóbicas; Néstor Perlongher (1987), que debate o preconceito presente no discurso médico acerca do surgimento e da transmissão do vírus; Michel Foucault (1996), que expôs uma classificação dos variados tipos de discursos que podem emergir em nossa sociedade e se consolidar como instrumentos de poder; e Larissa Pelúcio (2014), que examina como o termo *queer* é introduzido no Brasil, destacando a importância de considerar os significados associados a essa palavra e seu efeito na comunidade LGBTQIA+ no país.

São também essenciais para esta investigação as considerações de Alexandre Sousa (2016), que, ao refletir sobre o modo significativo com o qual o advento do Tratamento Antirretroviral (TARV) impactou obras literárias e cinematográficas, compreendeu a existência de duas temporalidades, assim cunhando os termos pré e pós-coquetel para classificar narrativas artísticas; e a relevância de textos que discutem o museu como uma instituição incumbida de decidir quais obras serão ou não incorporadas ao cânone artístico, conforme observado por Douglas Crimp (2005) e Brian O'Doherty (2007).

2. METODOLOGIA

Para a realização de uma análise crítica das obras, aplico a proposta metodológica tríplice de Artur Freitas (2014), que se concentra nos três aspectos constituintes da obra de arte: o formal, o semântico e o social. Ademais, inspira-se em alguns elementos do método iconológico de Erwin Panofsky (1986), visando compreender a confluência entre a constituição formal em relação ao seu significado, atentando-se para o modo como questões socioculturais influenciam e abrem espaço para friccionar debates sobre esses trabalhos.

Ao longo da iniciação científica, empreendeu-se uma investigação iconográfica e iconológica em documentações e catálogos, além de uma pesquisa literária e audiovisual visando definir o objeto da pesquisa. A escolha pela mostra *Histórias LGBTQIA+* foi definida pela representativa presença de trabalhos sobre o HIV/aids. A visita à exposição se mostrou essencial para visualizar as obras e sua relação com o espaço expositivo e para a realização de registros fotográficos desses trabalhos. Após a produção de tal documentação, foram elaboradas análises das obras, o que exigiu a leitura de novos textos e a busca por trabalhos similares para o desenvolvimento de estudos comparativos, obtendo-se como resultado uma investigação fundamentada nas três instâncias propostas por Freitas. Destaca-se ainda a importância das publicações relativas à exposição, um catálogo e uma antologia de textos, que também foram estudados para a realização desta pesquisa.

Ademais, salienta-se a necessidade de leituras complementares que pudessem abarcar as especificidades dos debates que circundam algumas obras examinadas neste estudo. Deste modo, teóricas como bell hooks (2023) apontam para a maneira como o imaginário colonial instituiu ideias problemáticas sobre uma exacerbada resiliência física e psicológica de pessoas negras, algo que dificulta um olhar atento para o aumento significativo de doenças como diabetes, depressão, hipertensão e a própria aids entre as mulheres racializadas. Por outro lado, Chimamanda Adiche (2009) desmantela concepções errôneas e discriminatórias sobre o continente africano, confrontando as falácias formuladas por uma noção euro-americana. É pertinente destacar também a entrevista concedida a Tim Rollins (2024) pelo artista Felix Gonzalez-Torres, que aborda variadas referências, histórias e memórias que se entrelaçam em sua poética, revelando ao leitor o impacto do vírus em sua trajetória pessoal e artística.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Estabelecendo a crise do HIV/aids de 1980 como um marco temporal e abordando o seu impacto na comunidade *queer*, mas também abrindo espaço para trabalhos contemporâneos de artistas que vivem com o vírus ou foram impactados pela epidemia, a exposição *Histórias LGBTQIA+* destaca a presença

das temporalidades pré e pós-coquetel apontadas por Sousa (2014) ao debater as narrativas artísticas. Deste modo, a mostra subverte as representações problemáticas do corpo enfermo, como as presentes na exposição *Pictures of People* (1988) do fotógrafo Nicholas Nixon, muito frequentes na abordagem da epidemia, e constrói novos imaginários acerca do vírus, por meio de obras que se desviam do discurso hegemônico centrado em homens brancos envolvidos em práticas homoeróticas conforme discutido por Alves (2021).

Como destacam os curadores, a emergência da enfermidade é o marco temporal a partir do qual eles estabeleceram suas escolhas para a mostra. Ou seja, toda a exposição é pensada para apresentar subjetividades LGBTQIA+ atravessadas pela existência da moléstia. Na exposição, artistas que faleceram em decorrência da enfermidade são destacados por um detalhe na ficha técnica de seus trabalhos: no lugar de um contorno cromado, temos a cor preta. Um símbolo simples, mas potente sobre o luto que coexiste com as obras dos artistas que vivem com HIV, apresentando importantes debates interseccionais. Essa abordagem contra-hegemônica gerou a possibilidade de discutir o impacto do HIV na vida de mulheres e pessoas racializadas, além de proporcionar o debate sobre outras formas de transmissão do vírus, como a vertical, apesar da presença tímida de artistas brasileiros e latino-americanos.

4. CONCLUSÕES

É possível aferir por meio desta pesquisa que a mostra oferece contribuições fundamentais para provocar reflexões sobre as distintas temporalidades das narrativas artísticas imbricadas ao HIV/aids, pensadas em relação às histórias LGBTQIA+, tendo em vista o recorte temporal da exposição e a presença de trabalhos diversos que abordam a enfermidade sob diferentes perspectivas. A sua realização no mais célebre museu de arte do país assinala a pertinência do tema, ainda que se reconheça que as exposições brasileiras que discutem o HIV/aids em sua abordagem são, de fato, escassas, mesmo se considerarmos a intrincada relação desta temática com a cultura e a arte.

A inegável contribuição da exposição para a desmistificação de estigmas e metáforas associadas à enfermidade é demonstrada pela inserção desses trabalhos em diversos núcleos da mostra, evidenciando que tal temática está atrelada a múltiplos debates e vivências. Além disso, mesmo que se apresentem em quantidade diminuta, ressalta-se a relevância de certa pluralidade em relação às narrativas sobre o vírus, desafiando noções convencionalmente preconceituosas. Assim, são evidenciadas as obras de artistas racializados, mulheres e aqueles fora do norte global.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, R. H. A. **Artes Visuais e aids no Brasil: histórias, discursos e invisibilidades**. 2020. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 446. 2020.

ADICHE, C. N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CRIMP, D. Como ter promiscuidade em uma epidemia *In* Pedrosa, Adriano; Mesquita, André e Bryan-Wilson, Julia (org.) **Histórias LGBTQIA+**: Antologia. São Paulo: MASP, 2024. p. 110-142.

CRIMP, D. **Sobre as ruínas do museu**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FREITAS, A. **História e imagem artística: por uma abordagem tríplice**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.2, n.34, p. 3 - 21, 2004.

HOOKS, B. **Irmãs do inhome**: mulheres negras e autorrecuperação. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2023.

O'DOHERTY, B. **No interior do cubo branco**: a ideologia do espaço da arte. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

PANOFSKY, E. Iconografia e Iconologia: Uma Introdução ao estudo da arte da Renascença. *In*: PANOFSKY, Erwin. **Significado nas Artes Visuais**. São Paulo: Perspectiva, 1986.

PELÚCIO, L. **Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil?**. Revista Periódicos, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 68–91, 2014. DOI: 10.9771/peri.v1i1.10150. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicos/article/view/10150>. Acesso em: 25 ago. 2025.

PERLONGHER, N. **O que é aids**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SONTAG, S. **Doença como metáfora. AIDS e suas metáforas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SOUSA, Alexandre Nunes de. Da epidemia discursiva à era pós-coquetel: Notas sobre a memória da Aids no cinema e na literatura. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL EM MEMÓRIA SOCIAL, 2., Rio de Janeiro, 2016. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2016, n.p. Disponível em: <http://seminariosmemoriasocial.pro.br/wp-content/uploads/2016/03/B019-ALEXANDRE-NUNES-DE-SOUSA-normalizado.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2024.

ROLLINS, T. Entrevista com Felix Gonzalez-Torres *In*: Pedrosa, Adriano; Mesquita, André e Bryan-Wilson, Julia (org.) **Histórias LGBTQIA+**: Antologia. São Paulo: MASP, 2024. p. 201-220.